SUINOCULTURA

Dentre os segmentos pecuários mais importantes do país, a suinocultura destaca-se como aquele que mais deficiências apresenta, não só em sua estrutura de produção, como também na estrutura de comercialização. Tais deficiências, que vêm de longa data e que derivam, até certo ponto, do atraso tecnológico que continua a caracterizar grande parte das atividades agropecuárias no Brasil, não têm sido combatidas de modo eficaz. Assim, prejudicam tanto os produtores (através da instabilidade que, ultimamente, caracterizou os preços recebidos pelo suíno vivo) quanto os consumidores (através dos altos preços alcançados pela carne de porco no varejo).

O rebanho suíno nacional, em decorrência das crises sofridas pelo setor em 1976 e em 1978, sofreu significativa retração, no período 1976/79, em relação aos cinco primeiros anos da década. Deste modo, das 39,2 milhões de cabeças que constituíram a média do rebanho, no período 1971/75, passou-se a 36,6 milhões no período 1976/79. Ou seja, uma retração da ordem de 6,6%, enquanto o rebanho mundial (excluindo-se a República Popular da China) evoluía em 1%.

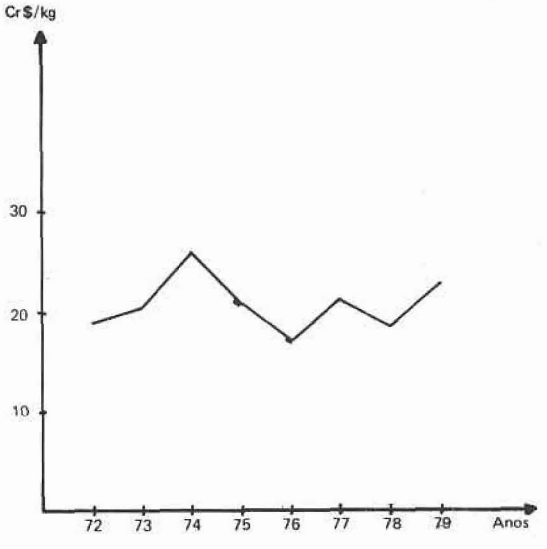
A crise verificada no setor suinícola em 1976 foi, em última instância, uma decorrência do acirramento da competição exercida pela carne bovina, em razão de aquele ano ter-se inserido no período de baixa do ciclo pecuário. Em 1976, o preço real pago ao produtor do boi gordo representava apenas 73,9% do preço registrado em 1974. Isto provocou um abate indiscriminado de matrizes suínas, o qual só veio a ser compensado no ano seguinte, quando, a despeito da continuação dos baixos preços da carne bovina, a queda de 21,6% no preço real do milho (devido à safra 8% superior, em volume, à precedente) possibilitou à suinocultura o retorno a padrões considerados *"normais"*, pelo setor.

No entanto, em 1978, o surto de peste suína africana levou a um abate elevado de animais, estimando-se que tenham sido mortos perto de 15,7 milhões de suínos, num acréscimo de 26% sobre o verificado no ano anterior. A represssão ao tráfego interestadual de suínos vivos, com vistas a evitar-se a irradiação da doença, pressionou negativamente os preços em nível de produtor, o qual, por sua vez, já se debatia em meio a uma menor disponibilidade de milho, cujos preços elevaram-se, naquele ano, 10%, em valor real, em relação aos do ano anterior. Em conseqüência, o preço médio real obtido pelos suinocultores sulistas pelo quilograma do animal vivo, como pode ser visto no Gráfico 1, voltou a se situar em níveis próximos àqueles registrados em 1976, recuperando-se, posteriormente, em 1979.

As marchas e contramarchas que, desde meados da década de 70, a suinocultura vem apresentando em seu desenvolvimento, têm sido reforçadas pela dificuldade de penetração que tem a carne de porco junto ao mercado consumidor dos grandes centros urbanos, devido a seu preço elevado. Este,

GRÁFICO 1

Preços Médios Anuais Reais[1] Recebidos pelos Suinocultores pelo kg do Suíno para Corte



1 Deflacionado de acordo com o IGP — Col. 2 de Conjuntura Econômica para 1979.
Fonte dos Dados Brutos: CEA-FGV.

QUADRO 1

Brasil e Santa Catarina — Índices de Produção e de Produtividade — 1977/78

Item	Brasil	Sta. Catarina
Desfrute (%)	56	168
Peso médio carcaça	67	75
Leitões/parto	5 a 7	9,7
Leitões desmamados/parto	3 a 5	8
Idade de desmame (dias)	50-60	42
Mortalidade (%)	20-30	15
Peso abate (kg vivo)	80-90	95
Nº partos porca/ano	1-1,5	1,8/2,2
Idade de abate (meses)	8-12	5/6
Conversão alimentar/kg	5	3,5

Fontes: IBGE/FAO/CEPA-SC.

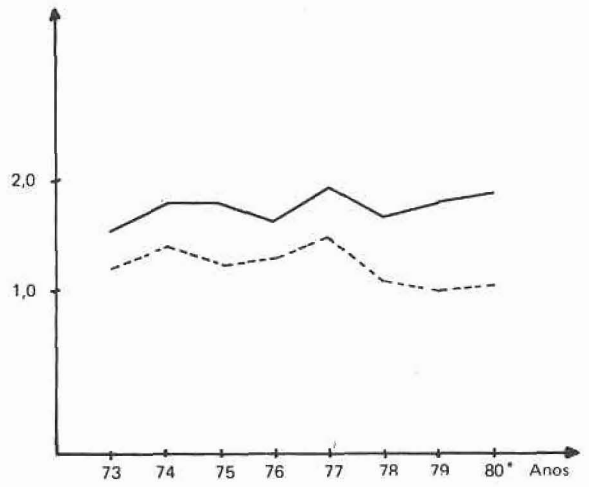
por sua vez, é decorrente da precariedade desta exploração pecuária, que se manifesta desde a composição racial do rebanho, até a comercialização do produto final.

Contudo, melhorias tecnológicas na suinocultura brasileira, conquanto ainda incipientes, oferecem uma chance de desenvolvimento para o setor, uma vez que, por seu intermédio, será possível tornar lucrativa esta atividade. Tal afirmativa pode ser verificada através da comparação da produtividade alcançada em Santa Catarina, estado em que a suinocultura utiliza técnicas mais avançadas, com a do resto do Brasil. Os dados obtidos junto a produtores integrados a projetos industriais ou assistidos pelo sistema de extensão rural e compilados pela ACARESC, em 1977/78, são apresentados no Quadro 1. No entanto, mesmo em Santa Catarina, as técnicas modernas são utilizadas por um número reduzido de criadores. Naquele estado, em 1975, dos 164 mil criadores de suínos existentes, somente 4,9% recebiam assistência técnica. Também em Santa Catarina, de acordo com trabalho elaborado pelo Centro Nacional de Pesquisas de Suínos e Aves da EMBRAPA, em 1979, as características gerais da produção de suínos indicavam que a maioria dos criadores de ciclo completo não realizava testes sorológicos de brucelose, nem vacinava os animais contra paratifo, além de executarem o combate aos vermes com freqüência inferior à ideal.

Por ser atividade levada a cabo sobretudo em minifúndios e, associada ao cultivo do milho, a suinocultura brasileira sofre influência das boas ou más safras do cereal. Simultaneamente, enfrenta a concorrência cada vez mais acirrada das carnes avícola e bovina, sendo que, desde meados da década de 70, o preço relativo carne suína/frango, no varejo de São Paulo, tem-se situado em valores próximos de 2,0. Também o preço relativo carne suína/carne bovina demonstra o pequeno poder de competitividade que possui a carne de porco fresca, agravada, neste caso específico, pela preferência do consumidor pela carne bovina. O Gráfico 2 retrata estas duas situações. Observe-se que, em nenhum dos anos estudados, o preço relativo carne suína/carne bovina atingiu valor inferior à unidade.

GRÁFICO 2

São Paulo — Preços Relativos no Varejo Carne Suína/Frango e Carne Suína/Carne Bovina 1973 a maio de 1980



Fonte dos Dados Brutos: IEA.

QUADRO 2

Brasil – Produção Per Capita de Carnes Bovina, Avícola e Suinícola (kg/hab) 1970-1979

Ano	Carne Bovina	Carne Avícola	Carne Suinícola
1970	22,2	2,3	7,6
1971	22,3	2,3	7,8
1972	22,8	3,0	7,1
1973	23,2	4,0	7,9
1974	24,0	4,2	7,6
1975	24,5	4,5	8,8
1976	23,1	5,0	9,6
1977	22,8	6,1	8,8
1978	22,1	7,4	8,6
1979	23,3	8,4	7,5

Fontes: UBA, FJP/GIA, MA, IBGE.

Além do preço desfavorável, a demanda pela carne suína não se expande devido a alguns preconceitos, principalmente quanto ao seu teor de gordura. Por essa razão, o consumo urbano deste tipo de carne não chega a atingir os mesmos níveis observados pelas carnes bovina e avícola. Contribui, ainda, para isso, a má utilização dos sistemas de frigorificação das redes distribuidoras varejistas nos grandes centros urbanos que, repetidamente, leva à conservação inadequada dos produtos, prejudicando-lhes a imagem junto ao consumidor.

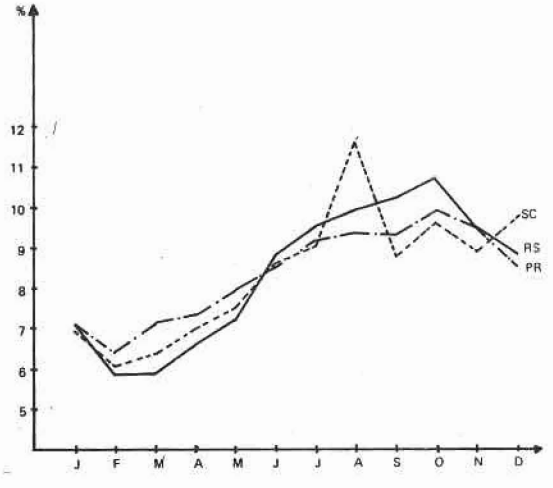
A grosso modo, pode-se acompanhar, através da produção ***per capita*** das diversas carnes, a evolução da disponibilidade deste produto (Quadro 2). Ressalte-se, no entanto, que a mensuração da produção total de carne suína ainda incorre em diversas falhas, por desconsiderar grande parte do auto-consumo, largamente observado no interior do país.

Subsistindo, à semelhança da avicultura, como atividade produtora de um bem substituto da carne bovina, a suinocultura brasileira apresenta, em conseqüência, uma sazonalidade, nos abates dos animais terminados, que se concentra fortemente no segundo semestre, época da entressafra bovina. Conforme assinala o Gráfico 3, entre 1970 e 1977, nos estados do Sul do Brasil, a maior parte dos abates de suínos sob inspeção federal ocorreu no período de junho a dezembro. Esta sazonalidade é reforçada pelo fato de a colheita de milho no Centro-Sul iniciar-se em março/abril. Sintomaticamente, de acordo com o trabalho da EMBRAPA anteriormente citado, mais de 69% dos suinocultores catarinenses entrevistados costumam adquirir o milho na safra.

É de se esperar que, à medida que a carne suína consiga conquistar e manter novas parcelas do mercado consumidor de carnes, essa concentração dos abates no segundo semestre venha a se diluir, aumentando o poder de barganha dos criadores, atualmente limitado não só pelo pequeno número de compradores do animal terminado como, também, pela intermediação, ainda existente. Para que isto ocorra, será necessário o aperfeiçoa-

GRÁFICO 3

Paraná, Rio Grande do Sul e Sta. Catarina – Distribuição Mensal Percentual dos Abates de Suínos sob Inspeção Federal – 1970/77



Fonte dos Dados Brutos: MA/SIPA.

mento da rede de armazenagem a frio existente no país, pois a incapacidade de absorção, por parte da rede armazenadora a frio, da grande quantidade de carne suína colocada no mercado no segundo semestre, não só prejudica a boa conservação do produto, como também refreia a expansão da capacidade de abate existente no país.

No entanto, o aumento do consumo de carne suinícola só poderá dar-se, a curto prazo, via estímulo de preços, a partir de uma elevada expansão da quantidade produzida. Paralelamente, será necessário aumentar a participação dos abates sob inspeção federal, único modo de proceder-se à melhoria de qualidade do produto. Os valores expressos no Quadro 3 mostram que vem aumentando rapidamente o percentual da produção de carne inspecionada sobre o total dos abates estimados, para o país.

Está prevista, para o ano em curso, uma produção total de carne suína próxima a 1,0/1,1 milhão de t (um aumento médio de 17% sobre o total estimado para 1979) das quais, certamente, menos de 50% corresponderão a produto proveniente de abates fiscalizados. Contudo, o aperto previsto na oferta nacional de milho poderá atuar como fator limitante à consecução deste objetivo. Além disto, o conseqüente aumento esperado para o preço da carne suína prejudicará sensivelmente qualquer tentativa de expansão do consumo. Paralelamente, tudo indica que a competição nos mercados produtores de carnes tornar-se-á cada vez mais acirrada, à medida que o ciclo pecuário entrar em fase baixista dos preços e que a avicultura procurar expandir o seu mercado. Considerando-se o fato de que a carne bovina é a de maior preferência pelos consumidores e a avícola a de menor preço, poucos trunfos restariam à carne suína para que seu consumo fosse popularizado, dando início a um processo de aumento da capacidade produtiva.

QUADRO 3

Brasil — Produção de Carne Suína, Total e Sob Inspeção Federal 1970-1979 — (t)

Ano	Produção Total(a)	Produção SIF(b)	b/a
1970	705.100	88.967	0.13
1971	750.200	83.811	0.11
1972	699.500	98.140	0.14
1973	805.200	133.263	0.17
1974	787.600	138.465	0.18
1975	942.700	167.352	0.18
1976	1.059.700	188.304	0.18
1977	1.000.000	180.326	0.18
1978	1.000.000	264.486	0.27
1979	900.000	320.000	0.36

Fontes: SIPA e MA.